

## PRÁTICA EDUCATIVA: Reflexão do Professor na Perspectiva Freiriana no Contexto da Pandemia

Ana Lúcia de Araújo Claro<sup>1</sup>  
Lisandra Babireski Barcia da Silva<sup>2</sup>  
Evelise Maria Labatut Portilho<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo fazer uma análise teórica sobre a prática educativa dos professores da Educação Básica sob a ótica de Paulo Freire no contexto da pandemia. O texto também traz a reflexão sobre qual seria a concepção de educação e o papel do educador na perspectiva libertadora. A metodologia utilizada é de natureza qualitativa, com base em um levantamento bibliográfico. Para tanto, busca responder à seguinte questão-problema: *Quais são os elementos propostos por Paulo Freire que devem nortear a prática educativa dos professores?* Como resultado, os estudos realizados mostram a necessidade de rever e refletir sobre a prática dos professores, especialmente em se tratando do contexto de crise sanitária provocada pela pandemia do novo coronavírus (Covid-19) atualmente vivenciada. Diante desses desafios, portanto, faz-se necessário que os educadores estejam atuantes, bem como sejam eficazes no diálogo e na escuta ativa em torno das aprendizagens de seus educandos, exercendo observação contínua sobre o fazer pedagógico e a *práxis* que se materializam na articulação da teoria e da prática, por meio de um processo dialógico de reflexão e ação transformadora.

**Palavras-chave:** Educação; diálogo; educação problematizadora; prática educativa.

### EDUCATIONAL PRACTICE: TEACHER'S REFLECTION FROM THE FREIREAN PERSPECTIVE IN THE CONTEXT OF THE PANDEMIC

### ABSTRACT

This article presents a theoretical review of educational practice from Paulo Freire's perspective in the pandemic context. The text reflects on the concept of education and the function of the educator in a liberating perspective. The methodology used have a qualitative nature. Therefore, it seeks to answer the following problem-question: what are the elements that should guide the educational practice proposed by Paulo Freire? As results, the studies carried out show us the need to review and reflect the teacher practice, especially in the current health crisis context caused by new Coronavirus (Covid-19). Therefore, facing these challenges, it is necessary to be present in the teachers practice the effectiveness of dialogue, active listening around the students' learning, as well as a continuous reflection on the pedagogical practice, and on the praxis that materializes in the articulation among theory and practice through a dialogical process of reflection and transforming action of educational practice.

**Keywords:** Education; dialogue; problematizing education; educational practice.

RECEBIDO EM: 27/8/2021

ACEITO EM: 4/11/2021

<sup>1</sup> Faculdade IESM. Timon/MA, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/0195019590013618>. <https://orcid.org/0000-0001-7257-9849>.

<sup>2</sup> Autora correspondente. Colégio Dom Orione. Rua Pe. Gustavo Gian Pietro, 33 – Centro. Quatro Barras/PR, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/0548785658169174>. <https://orcid.org/0000-0001-6471-9186>. [lisandra\\_psico@hotmail.com](mailto:lisandra_psico@hotmail.com)

<sup>3</sup> Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC-PR. Curitiba/PR, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/3692153936729463>. <https://orcid.org/0000-0003-4557-0130>.

## INTRODUÇÃO

A sociedade vem enfrentando diversas mudanças nas últimas décadas nos âmbitos econômico, político, social, cultural e ético. Por conseguinte, tais transformações também impactam os tipos de educação e de currículo que permeiam as práticas educativas, assim como as concepções de homem, de educandos, de prática e de relação pedagógica que se apresentam no cotidiano da sala de aula.

Durante o atual cenário da pandemia da Covid-19, que vem impactando as ações dos professores, vimos que as mudanças na área educacional têm ocorrido de maneira ainda mais abrupta que em outras áreas da sociedade, uma vez que, em decorrência das medidas adotadas para evitar a disseminação do vírus, foi necessário optar pelo ensino remoto e, conseqüentemente, exigiu-se dos docentes um olhar diferenciado para esse novo contexto, que requer mudança de prática pedagógica. O momento também requer, segundo Portilho e Medina (2020, p. 3), desenvolver “[...] estratégias ou tomada de consciência da própria atividade cognitiva que envolve a pessoa, a tarefa e a estratégia a ser adotada”. O que as autoras observaram, portanto, é que muitas pessoas têm dificuldades “[...] em fazer este movimento de voltar os olhos para si, se reconhecendo e identificando as melhores estratégias a serem escolhidas” (p. 3). Talvez esse movimento seja essencial para que os docentes possam refletir sobre a prática educativa numa relação consigo mesmos e com os outros.

No intuito de iniciarmos tais reflexões é necessário que, antes, seja apresentada uma breve biografia de Paulo Reglus Neves Freire<sup>4</sup>, pois é por meio da sua perspectiva que se desenvolve o presente trabalho. O educador nasceu em 19 de setembro de 1921, na cidade do Recife, em Pernambuco, e faleceu em 2 de maio de 1997, em São Paulo, capital, e, desde muito cedo, vivenciou as dificuldades das classes populares. Sua jornada profissional iniciou-se a partir do trabalho desenvolvido no Serviço Social da Indústria (Sesi) e no Serviço de Extensão da Universidade de Recife, sendo essa a instituição na qual também lecionou história e filosofia da educação. Dentre seu histórico de lutas pela alfabetização de adultos destaca-se o fato de, em 1963, em Angicos, no Estado do Rio Grande do Norte, ter coordenado uma equipe que alfabetizou 300 adultos em 40 horas. Ademais, sendo acusado de subverter a ordem instituída, em 1964, foi preso após o Golpe Militar e, posteriormente, quando exilado na Bolívia e no Chile, desenvolveu, por cinco anos, trabalhos em programas de educação de adultos no Instituto Chileno para a Reforma Agrária (Icira).

Dessa forma, o filósofo pernambucano revolucionou a pedagogia do país ao refletir sobre a construção de uma escola democrática e de uma nova abordagem na relação entre educador e educando, que colocava como base do aprendizado a troca horizontal de saberes e experiências. Por isso, Paulo Freire foi reconhecido internacionalmente, tendo recebido 42 títulos de doutor *honoris causa* de universidades da Europa e América, e continua extremamente atual, deixando um grande legado na educação e sendo respeitado em âmbito mundial em virtude da sua *práxis* educativa, valendo ressaltar

<sup>4</sup> Biografia disponível em: <http://acervo.paulofreire.org>. Acesso em: 5 jul. 2021.

que seu nome é adotado por diversas instituições, bem como é cidadão honorário de muitas cidades, tanto no Brasil quanto no exterior, e é considerado o patrono da educação brasileira.

De modo geral, a obra freiriana traz grandes contribuições para diferentes contextos educacionais e culturais, e, mais especificamente, favorece para compreendermos a educação enquanto processo de construção de conhecimento que promove a formação do indivíduo, levando-o em consideração como um ser inconcluso, ou um “ser mais”, como afirma Freire (2015), ou seja, um ser humano que está em constantes aprendizagens.

Nesse viés, a educação, na perspectiva de Freire (2015), é vista como humanizadora, transformadora e problematizadora, levando os educandos a transcenderem de uma educação opressora, autoritária, denominada de bancária, e que desumaniza os aprendizes em direção a uma proposta de educação libertadora, que considera os alunos sujeitos ativos, críticos e participativos do ato educativo.

Para tanto, concebe os educandos como seres *no mundo e com o mundo*, ou seja, são sujeitos transformadores do mundo, o que implica a negação do homem abstrato, isolado e desconectado, e, nessa proposta de educação, defende o diálogo enquanto elemento do desvelamento da realidade. Dessarte, “Não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora, em que a liderança revolucionária, em lugar de se sobrepôr aos oprimidos e continuar mantendo-os como quase ‘coisas’, com eles estabelece uma relação dialógica permanente” (FREIRE, 2015, p. 77).

O presente artigo tem como objetivo fazer uma análise teórica sobre a prática educativa no contexto da pandemia. Para tanto, o trabalho está organizado em quatro seções. Na primeira apresentamos a concepção de educação na visão de Freire; na segunda discutimos sobre o papel do professor, trazendo alguns saberes essenciais para o exercício da docência na perspectiva do autor; na terceira analisamos a prática educativa freiriana; e, por fim, na quarta, apresentamos as considerações finais sobre o objeto de estudo, finalizando com as referências bibliográficas consultadas na pesquisa.

## CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO NA VISÃO DE FREIRE

A concepção de educação, defendida por Freire (2015), centra-se no diálogo, consistindo em uma educação de escuta e de acolhimento dos saberes e não saberes dos educandos, e está pautada, também, no caráter inconclusivo do ser humano, tendo em vista, conforme o autor, que somos seres históricos e inacabados.

Nesse sentido, a educação, na perspectiva de Freire, é um ato de esperar que emerge de uma necessidade ontológica, compreendendo, dessa forma, o homem como um devir a ser, por estar em constante processo de construção humana. Ou seja, uma educação de homens, mulheres, crianças e jovens adultos constitui-se numa prática educativa transformadora e humanizadora.

Além disso, Freire defende uma educação problematizadora e reflexiva que implica “um constante ato de desvelamento da realidade” (FREIRE, 2015, p. 97), posto que essa ação se materializa na ação de dialogar e de anunciar no emitir da fala e da

expressão das palavras. Ou seja, é necessário haver uma comunicação que promova a criticidade da realidade e a interlocução entre educador e educandos, tendo em vista ser esse o fio que vai tecendo as relações pedagógicas.

Consequentemente, o diálogo torna-se um elemento fundamental “[...] para uma educação libertadora e emancipatória em que as vozes são ouvidas, pois possibilita ao educando entender sua realidade como sujeito e, quando há comprometimento, em busca de devidos auxílios por meio de suas práticas pedagógicas” (SILVA; LOPES, 2021, p. 9).

Com isso, a educação proposta por Freire rompe com as relações verticais presentes na concepção de educação bancária, indo em direção a uma perspectiva de educação dialógica, isto é, uma educação “[...] que liberte, que não adapte, domestique ou subjugué. Isto obriga a uma revisão total e profunda dos sistemas tradicionais de educação, dos programas e dos métodos” (FREIRE, 1979, p. 22).

Para que aconteça o diálogo na perspectiva de educação, todavia, faz-se necessário que

[...] os sujeitos se vejam em igualdade, onde não há inferiores e/ou superiores, ninguém é detentor da razão e do saber, todos se igualam e tornam o processo, o diálogo como essencial. Acima de tudo, é necessário que acredite na mudança e superação do homem e em sua capacidade de se reinventar (SILVA; LOPES, 2021, p. 9).

Por conseguinte, a educação proposta por Freire (1979, p. 42) é crítica e concebe os homens “[...] como seres em devir, como seres inacabados, incompletos e numa realidade igualmente inacabada e juntamente com ela”. Assim, é uma educação que se materializa na *práxis*, na ação e na reflexão, que, por sua vez, decorre da articulação entre a teoria e a prática.

Numa perspectiva de libertação, a educação, segundo Freire (2019), é um ato de conhecimento e desvelamento crítico da realidade, e, exatamente por ser uma prática humana, não pode ser concebida como uma “[...] experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma ditadura reacionista [...] como uma experiência que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual” (FREIRE, 2019, p. 54).

Dessa forma, a proposta de educação de Paulo Freire fundamenta-se numa relação dialógica e horizontal e em um ato de amor, que implica uma ação corajosa, os quais não podem temer ao debate e à análise da realidade, sendo uma educação que se contrapõe à perspectiva bancária, autoritária. Por essa razão questiona-se:

Como aprender a discutir e a debater com uma educação que impõe? Ditamos ideias. Não trocamos ideias. Discursamos aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos *sobre* o educando. Não trabalhamos *com* ele. Impomos-lhe uma ordem a que ele não adere, mas se acomoda. Não lhe propiciamos meios para o pensar autêntico, porque recebendo as fórmulas que lhe damos, simplesmente as guarda. Não as incorpora porque a incorporação é o resultado de busca de algo que exige, de quem o tenta, esforço de recriação e de procura. Exige reinvenção (FREIRE, 1967, p. 104).

À vista disso, a educação é aquela que desenvolve e desperta nos educandos o interesse pela pesquisa, que constata e que revisa os “achados”, implicando desenvolver a “consciência transitivo-crítica” (FREIRE, 1967, p. 102), ou seja, uma consciência crítica que leve os homens a pensar de forma profunda sobre os problemas do cotidiano, tornando-os responsáveis pelo seu modo de agir e de estar no mundo.

Por conseguinte, Freire propõe romper com a prática da dominação e da opressão das relações sociais verticais ainda presentes em algumas práticas pedagógicas que concebem o educando como um ser passivo, isto é, um mero espectador e não criador, em que os conteúdos desenvolvidos são desconexos de sua realidade, enquanto a proposta, pelo viés da educação problematizadora, constitui-se numa relação de horizontalidade entre educador e educandos, tendo em vista considerá-los sujeitos do ato de educar, rompendo, desse modo, com as relações pedagógicas verticais, nas quais o professor é quem detém todo o conhecimento.

Desse modo, na visão de Freire, a concepção de educação libertadora:

- Concebe os educandos como seres *no mundo e com o mundo*;
- Considera educadores e educandos sujeitos do processo;
- Implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como, também, a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens;
- Toma o diálogo como selo do ato cognoscente, desvelador da realidade;
- Funda-se na criatividade e estimula a reflexão sobre ações verdadeiras dos homens sobre a realidade;
- Assume o mundo como o mediador dos sujeitos da educação, resultando em sua humanização; e
- Compromete-se com a libertação, empenhando-se na desmistificação.

Ainda conforme Freire (1967), a educação é um ato de amor, de generosidade, de coragem, de emancipação política e de ética dos indivíduos. É nesta proposta de educação que o autor escolhe o diálogo como elemento articulador da prática pedagógica, buscando, por meio desse, desenvolver ações que promovam a participação dos “oprimidos”, para que, assim, possam transformar sua realidade social e política, sendo protagonistas de sua própria história (BERTANHA; SILVA, 2020).

## O PAPEL DO EDUCADOR NA EDUCAÇÃO PROBLEMATIZADORA

Atualmente, uma das questões bastante discutidas no âmbito educacional diz respeito ao papel do educador, uma vez que ele é o responsável por promover uma aprendizagem de forma dinâmica e crítica, que estimule e desperte nos educandos o senso de responsabilidade e da autonomia intelectual. Além disso, recai sobre ele também a responsabilidade de discutir os valores que permeiam a educação, por exemplo, o tipo de ser humano que desejamos formar para o século 21.

Nesse sentido, é preciso ter clareza que o ato de educar implica uma ação política para a consecução dos objetivos de uma educação pautada nos princípios da qualidade, equidade e igualdade. Assim sendo,

[...] é preciso que a educação esteja – em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos – adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história (FREIRE, 1979, p. 39).

Partindo desse princípio, podemos argumentar que a educação, numa perspectiva problematizadora, promove a curiosidade, a criatividade e a criticidade dos educandos. Para tanto, é necessário conceber os alunos e professores como seres sociais históricos em constante transformação, e que, portanto, podem transformar e modificar a sua realidade por meio de uma reflexão da *práxis*.

Desse modo, ressaltamos que há inúmeras atribuições pelas quais os professores são responsáveis, como imprimir uma educação que se volte para a formação integral dos educandos. Nessa perspectiva, Freire (2019, p. 45) discute algumas atitudes que o educador deve assumir, tais como ser humanista, revolucionário, dialógico, ou seja, um educador problematizador que refaz constantemente seu ato do conhecimento numa relação dialógica de construção dos conhecimentos com os educandos.

Outro ponto importante, destacado por Freire (1985), é que o educador desperte a curiosidade dos educandos em busca da construção do conhecimento. Para tanto, o educador, como ressalta o autor, deve ir construindo com os educandos o exercício da pergunta, uma vez que, por meio da curiosidade, emergem diversas questões que poderão contribuir para o desvelamento da realidade. Faz-se necessário, no entanto, que o educador compreenda que não há perguntas irrelevantes feitas pelos educandos, assim como não há respostas definitivas.

Desse modo, um educador que

[...] não castra a curiosidade do educando, que se insere no movimento interno do ato de conhecer, jamais desrespeita pergunta alguma. Porque, mesmo quando a pergunta, para ele, possa parecer ingênua, mal formulada, nem sempre o é para quem a fez. Em tal caso, o papel do educador, longe de ser o de ironizar o educando, é ajudá-lo a refazer a pergunta, com o que o educando aprende, fazendo a melhor pergunta (FREIRE, 1985, p. 25).

Assim sendo, a atitude do educador diante das perguntas formuladas pelos educandos deve ser de acolhimento e de aceitação, uma vez que ele deve estar aberto às indagações dos estudantes para que, desse modo, seja possível estabelecer o diálogo. A partir disso, o professor deve intervir de forma ética, levando os alunos a refletir sobre a maneira como foi feita a pergunta, sendo isso um exercício de respeito aos saberes e não aos saberes dos educandos, pois ser educador, na perspectiva de Paulo Freire, significa compreender a essência do ser educador.

Nesse sentido, ele argumenta que ser educador implica estar

[...] a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me ani-

ma apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa, mas não desiste. Boniteza que se esvai de minha prática se, cheio de mim mesmo, arrogante e desdenhoso dos alunos, não canso e me admirar (FREIRE, 2019, p. 40).

O papel do educador freiriano, portanto, é despertar nos educandos a criatividade, a criticidade e o desejo por aprender, além da dialogicidade, pois acredita que [...] “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 2015, p. 108). Isto é, conforme essa visão, é nesse entrelaçamento do fazer, do agir e do refletir que vamos nos constituindo enquanto seres humanos.

Nesse sentido, o papel do professor é essencial e, por isso, faz-se necessária a ruptura de uma prática tradicional para uma prática libertadora e transformadora da realidade. Assim, o papel do docente, pelo viés da educação problematizadora, reside em

[...] proporcionar, com os educandos, as condições em que se dê a superação do conhecimento no nível da “doxa” pelo verdadeiro conhecimento, o que se dá, no nível do “logos”. Assim é que, enquanto a prática bancária, como enfatizamos, implica numa espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos educandos, a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica num constante ato de desvelamento da realidade. A primeira pretende manter a imersão; a segunda, pelo contrário, busca a emergência das consciências, de que resulte sua inserção crítica na realidade (FREIRE, 2015, p. 45).

Isso implica compreender que não podemos impor nossas perspectivas para os educandos, ou seja, exigir nossa visão de mundo, mas, antes, dialogar sobre nossa visão e a deles, concebendo-os como sujeitos, protagonistas do conhecimento e da transformação social, política, ética e humana. Assim sendo, é preciso que esse diálogo seja de reciprocidade de saberes, de escuta e de acolhimento dos conhecimentos trazidos pelos estudantes.

## A PRÁTICA EDUCATIVA COMO ELEMENTO DE REFLEXÃO DOCENTE

Na obra *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, Freire (2019) traz elementos importantes para refletirmos sobre a prática educativa. Ao iniciar seu diálogo, apresenta algumas metáforas sobre essa *práxis*, como o ato de cozinhar, que requer elementos e saberes para que seja materializado, assim como a prática de velejar, que necessita, também, de alguns conhecimentos que são essenciais para o processo de navegação, como aqueles relativos à direção do vento e à posição das velas.

Em relação à prática educativa, o autor afirma também exigir saberes que podem ser modificados ou ampliados a partir de uma reflexão crítica e transformadora da *práxis* por meio da articulação entre teoria e prática. É importante salientar que, por estarmos enfrentando situações nunca vividas no meio educacional devido à pandemia da Covid-19, modificações na prática educativa vêm sendo algo que temos presenciado com frequência desde o início do ano de 2020, quando a crise sanitária se instalou no mundo.

É notório que a pandemia trouxe grandes desafios para a atuação docente, portanto, no presente contexto, veio à tona a forma de fazer educação, de ensinar e interagir com os alunos. Dentre tais desafios podemos citar a utilização de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), que provocou uma revisão da prática educativa em que professores e alunos tornaram-se protagonistas do processo de ensino e aprendizagem (AGUIAR, 2020).

Desse modo, em se tratando de Freire, a prática educativa proposta por ele “[...] tem de ser, em si, um testemunho rigoroso de decência e de pureza. Uma crítica permanente aos desvios fáceis com que somos tentados, às vezes ou quase sempre, a deixar as dificuldades que os caminhos verdadeiros podem nos colocar” (FREIRE, 2019, p. 34). Diante do atual cenário educacional, portanto, é preciso analisar como os professores estão lidando com toda a situação vivenciada; eles necessitam rever seus saberes e fazeres, mas, por outro lado, precisam de condições dignas de trabalho, formação adequada e apoio necessário para este momento que estamos vivenciando em razão da pandemia da Covid-19 que, com certeza, tem impactado suas práticas pedagógicas e, quiçá, sua vida.

Nesse sentido, há diversos saberes que são necessários ao professor, como a compreensão da inclusão do ser, pois, enquanto seres humanos, estamos constantemente em processo de devir *a ser*, ou seja, em permanente construção, renovando nossa trajetória, quer seja ela pessoal ou profissional (FREIRE, 2019).

Assim, a prática educativa implica a existência de sujeitos na construção do conhecimento, na qual um ensina e aprende, enquanto o outro, que está no processo de aprendizagem, aprende e ensina também, ou seja, ambos ensinam e aprendem mutuamente.

Por conseguinte,

[...] é preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescindida da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje (FREIRE, 2019, p. 53).

Isto posto, precisamos estar atentos aos saberes e não saberes dos educandos, sendo preciso, pois, como afirma Freire (2002), compreender que cada grupo de alunos tem uma especificidade que deve ser levada em conta no ato educativo. Nesse sentido, por exemplo, ao trabalhar com crianças, é preciso compreender o seu desenvolvimento, a maneira por meio da qual elas aprendem e, também, como acontece a passagem da heteronomia para a autonomia, assim como, ao trabalhar com jovens e adultos, é necessário desenvolver um olhar atento às práticas desempenhadas com esse grupo, para perceber se estimulam a aprendizagem ou as massificam com atividades desconectadas do contexto desses educandos.

Além disso, em *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (2019), o autor afirma que, independentemente de orientação política, todo educador precisa de saberes que são indispensáveis à prática pedagógica. Assim, o que ele busca é alinhar e discutir alguns saberes fundamentais à prática-crítica ou progressista e que devem ser conteúdos obrigatórios à formação docente.

À vista disso, Freire (2019) afirma que ensinar não é um ato de transferência do conhecimento ou dos conteúdos, mas um ato revolucionário da construção e reconstrução do conhecimento que acontece numa relação dialógica, desenvolvendo a criticidade dos educandos. Como afirma o autor, não existe docência sem discência, levando em conta que sua proposta de prática educativa se faz na mediação entre educador e educando, ou seja, quando ambos se constituem como sujeitos desse ato educativo.

Para isso, porém, a relação deve estar pautada na ética que está no preparo científico do professor. Sendo assim, ela está presente quando o educando participa da construção do conhecimento e quando não se restringe à aquisição de habilidades e conhecimentos, porque, assim, é assegurado o direito do aluno de participar ativamente. Segundo Freire (2019, p. 25), “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém [...]”; desse modo, fica claro que o ato de ensinar não existe sem aprender e vice-versa, e é nesse processo de socialização que, historicamente, as pessoas descobriram que era possível ensinar.

Outro aspecto importante que Freire cita é a curiosidade epistemológica, segundo a qual “[...] quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender, tanto mais o sujeito se constrói e se desenvolve” (FREIRE, 2019, p. 13). Baseando-se nisso, o autor propõe que ensinar exige criticidade, sendo preciso proporcionar condições para que os educandos superem o saber do senso comum por meio do conhecimento epistemológico, o que acontece quando a curiosidade se critica, tornando-se epistemológica.

Segundo Freire (2019, p. 33),

[...] [n]a verdade, a curiosidade ingênua que, “desarmada”, está associada ao saber do senso comum, é a mesma curiosidade que, criticizando-se, aproximando-se de forma cada vez mais metodicamente rigorosa do objeto cognoscível, se torna curiosidade epistemológica. Muda de qualidade, mas não de essência.

Ademais, o autor reforça sua teoria afirmando que ensinar exige pesquisa, pois não há ensino sem pesquisa ou pesquisa sem ensino. Nesse sentido, conforme Freire (1996), o professor precisa estudar, pesquisar e mostrar para os alunos que isso é importante, pois ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo. O professor,

[...] que realmente ensina, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade do pensar certo, nega, como falsa, a fórmula farisaica do “faça o que mando e não o que eu faço”. Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo (FREIRE, 2019, p. 16).

Para Freire, ensinar demanda uma reflexão crítica sobre a prática educativa, o que implica um exercício constante sobre o que se diz sobre as próprias ações, observando se há uma coerência entre o discurso e a prática, pois é pensando criticamente sobre a prática de hoje ou de ontem que se pode aprimorar a próxima prática (FREIRE, 2019, p. 18).

O autor ainda argumenta que ensinar também exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural, afirmando que uma das tarefas mais importantes da prática educativa crítica é propiciar as condições em que os educandos, nas suas relações com

todos, ensaiem as experiências de assumirem-se como um ser social, histórico, criador e realizador de sonhos. Nesse sentido, é prudente que o educador tenha consciência do impacto que um simples gesto pode causar na vida de um estudante.

Também ressalta que ensinar exige o saber do inacabamento do homem, pois ele, como a invenção de técnicas e instrumentos, integra-se ao seu contexto, compreendendo o mundo, intervindo nele e aperfeiçoando-o, sendo o que inscreve homens e mulheres como seres éticos (FREIRE, 2019).

Em relação à prática educativa, Freire (2019) revela que é preciso conhecer as diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática, por isso ensinar exige apreensão da realidade e, para alcançá-la, precisamos estar atentos para a inconclusão do ser humano. Toda prática educativa demanda da existência de dois sujeitos, sendo um que, ensinando, aprende, e outro que, aprendendo, ensina. Assim, precisamos observar que ensinar exige alegria e esperança, uma vez que há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança de que, juntos, professor e aluno, possam aprender e resistir aos obstáculos.

Freire (2019) destaca que ensinar é uma especificidade humana, segundo a qual o professor deve ter segurança em si mesmo e no seu fazer pedagógico, na forma como atua e toma as decisões, bem como competência profissional e generosidade. Assim, “[...] o professor que não leva a sério sua formação, que não estuda, que não se esforça por estar à altura da sua tarefa, não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe” (FREIRE, 2019, p. 36). Dessa forma, os educadores devem ter em mente que ensinar exige comprometimento, ou seja, não podemos ser professores sem nos colocarmos perante os alunos, sendo importante mostrarmos nossa maneira de ser e pensar politicamente, o que obriga o professor a aproximar cada vez mais suas falas e suas ações.

Outro saber fundamental, sugerido por Freire (2019), é que ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, que, além do conhecimento dos conteúdos ensinados e/ou aprendidos, implica uma tomada de posição e decisão para que os alunos percebam o esforço que um professor faz, buscando coerência em suas ações.

Os educadores, em suas práticas educativas, sempre se preocupam com as questões que envolvem disciplina na escola, limites e autoridade. Seguindo essa mesma linha, Freire (2019) afirma que “[...] sem limites a liberdade se perverte em licença e a autoridade em autoritarismo” (p. 102), pois, para ele, ensinar exige liberdade e autoridade como condição para a afirmação da autoridade, precisando o professor ter competência profissional e generosidade.

Faz-se necessário, portanto, que o educador saiba escutar, pois não podemos falar como se fôssemos donos do saber. Segundo o autor, é escutando que aprendemos a falar com os educandos e, mais, saber escutar e exercer o silêncio é fundamental na comunicação.

No processo da fala e da escuta, a disciplina do silêncio a ser assumida com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um *sine qua* da comunicação dialógica. O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la (FREIRE, 2019, p. 114).

Conseqüentemente, quando aprendemos a escutar nossos alunos aprendemos com eles, pois o ato de escutar, ao qual Freire se refere, vai além da capacidade de ouvir, no sentido de capacidade auditiva, tratando-se, na verdade, da disponibilidade para o outro.

Analogamente, Paulo Freire (2019) afirma que ensinar exige disponibilidade e abertura para o diálogo, respeitando as diferenças entre professor e aluno e sempre observando a coerência entre o que se diz e o que se faz. Conforme o autor, “[...] [o] sujeito que se abre para o mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história” (FREIRE, 2019, p. 133). O diálogo, portanto, é fundamental na relação professor e aluno, favorecendo muitos aspectos positivos no processo de ensino-aprendizagem.

Um dos saberes fundamentais que os educadores devem ter diz respeito à força da ideologia, uma vez que ela “tem que ver diretamente com a ocultação da verdade dos fatos” (FREIRE, 2019, p.122), ao mesmo tempo em que nos torna míopes, levando muitos de nós a aceitar docilmente o discurso fatalista neoliberal. Por essa razão, ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica. Ademais, o autor expressa que a ideologia tem um grande poder de persuasão, posto que “[...] [o] discurso ideológico nos ameaça de anestesiar a mente, de confundir a curiosidade, de distorcer a percepção dos fatos, das coisas e dos acontecimentos” (FREIRE, 2019, p. 129).

Freire leciona aos educadores, na análise de suas práticas, que ensinar exige querer bem aos educandos, o que não significa que, pelo fato de ser professor, existe a obrigatoriedade de querer bem todos os alunos, mas que, na verdade, o que o professor precisa fazer é descartar como falsa a separação entre seriedade docente e afetividade, porque a atividade docente, da qual a discente não se separa, é uma experiência alegre por natureza e o professor não deve ter medo de expressá-la. Afirma, ainda, que é esta força misteriosa, que chamam de vocação, que explica a devoção com que a maioria dos educadores segue firme na missão de ensinar, cumprindo como pode o seu dever e com amor. O professor trabalha com gente, com emoções, com sentimentos, com formação de seres humanos, e, como cita Freire (2019), “[...] o nosso trabalho é com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca” (p. 141).

Ao final do livro *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (2019), obra que foi dedicada à prática educativa, Paulo Freire finaliza pedindo que os docentes lutem por seus direitos, por dignidade e zelo no espaço pedagógico em que atuam com os alunos e, ainda, ressalta que a prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, amorosidade, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança, rigorosidade.

À vista disso, os docentes precisam convencer-se de que seu trabalho é uma especificidade humana, sendo um trabalho realizado com gente, que tem como premissa ensinar o outro a ser mais. Dessa forma, é uma obra que une os saberes necessários e indispensáveis a uma prática educativa coerente com os padrões éticos que regem a sociedade e que leva os educandos à autonomia. Segundo o autor,

Lido com gente e não com coisas. E porque lido com gente, não posso, por mais que inclusive me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna (FREIRE, 2019, p. 141).

Assim, diante do momento delicado que temos enfrentado em virtude da pandemia que vem assolando o mundo, faz-se necessária constantemente essa reflexão docente, tendo em vista que, em decorrência da Covid-19, os professores tiveram de se adaptar para fazer uso das plataformas digitais, e, muitos desses profissionais não tinham conhecimentos e recursos apropriados para lidar com as tecnologias (LIMA; AZEVEDO; NASCIMENTO, 2020). Ademais, é preciso pensar como os educadores sentem-se diante desses desafios; assim, podemos inferir que eles podem estar angustiados e inseguros em seu fazer pedagógico.

Além disso, enquanto educadores, não há como adotarmos uma atitude neutra diante do ato de educar pessoas, seres humanos que estão em constantes transformações, sobretudo no cenário de pandemia; portanto, “[...] não pode existir uma prática educativa neutra, descomprometida, apolítica. A diretividade da prática educativa que a faz transbordar sempre de si mesma e perseguir um certo fim, um sonho, uma utopia, não permite sua neutralidade” (FREIRE, 2002, p. 37).

Desse modo, é válido ressaltar que, nessa proposta educativa, o diálogo se torna essencial para uma educação libertadora e emancipatória, em que as vozes são ouvidas, pois possibilita ao educando entender sua realidade como sujeito, tendo em vista que não “[...] é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, ação-reflexão” (FREIRE, 2015, p. 108).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomarmos ao objetivo do artigo, que foi fazer uma análise teórica sobre a prática educativa de professores da educação básica na perspectiva de Paulo Freire no contexto da Pandemia, destacamos alguns elementos que devem norteá-la.

É válido destacar que, por causa do contexto de crise sanitária, em virtude da Covid-19, professores, que antes tinham dificuldade ou resistência quanto a outras formas de docência ou em relação a aprender a trabalhar com novas ferramentas, tiveram de se adaptar ao presente formato de ensino e, diariamente, têm se superado e apresentado um grande exercício de resiliência, de tal forma que, dificilmente, retornarão às antigas práticas, especialmente no que se refere ao uso das tecnologias e plataformas digitais.

Por outro lado, porém, não podemos deixar de mencionar que, a pretexto de tais demandas oriundas da pandemia da Covid-19, muitos docentes estão cansados e sobrecarregados, impactando a saúde mental desses profissionais.

Nesse contexto, a perspectiva freiriana mostra-nos como é necessário buscar melhorias para uma prática efetiva. Dessa forma, Paulo Freire, em suas obras, brinda-nos com saberes que são necessários para um desempenho educativo eficiente, pois acredita que os professores precisam se assumir enquanto educadores.

O estudo realizado, portanto, vem ao encontro do que estamos vivendo atualmente, quando os educadores estão tendo de rever formas de ensinar, reinventar a si mesmos, mudar suas crenças, suas práticas, bem como fazer um exercício de reflexão sobre seu papel na sociedade contemporânea e na educação.

Logo, diante dos estudos, constatamos que o diálogo efetivo entre estudantes e professores é o elemento que deve nortear a prática educativa dos professores da educação básica, havendo uma escuta ativa em torno das aprendizagens dos educandos.

Assim, como um segundo elemento, destacamos a reflexão contínua sobre o fazer pedagógico e a *práxis*, os quais se materializam na articulação da teoria e da prática, por meio de um processo dialógico de reflexão e ação transformadora que modifique e ressignifique as aprendizagens dos educandos.

Isto posto, podemos afirmar que a tomada de consciência do fazer pedagógico também designa-se como um dos elementos essenciais da prática educativa dos professores, tendo em vista que educar os indivíduos não é transferir conhecimentos, como bem argumenta Freire, mas criar as condições favoráveis para a emancipação dos educandos, o que implica uma preparação científica dos docentes, que se constituiu como outro elemento fundante da prática educativa.

Por fim, ressaltamos que a *construção da relação dialógica, reflexiva e questionadora*, se constitui como um elemento dialético do exercício docente dos professores, que vai sendo estabelecido na interação entre educador e educando, uma vez que a educação é movimento, ação, reflexão, e um desvelar da realidade por meio de um agir problematizador.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Rodrigues Magalhães de. Pandemia da covid-19 e demandas de atuação docente. *Revista Diálogos Acadêmicos*, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 58-59, jan./jun. 2020.
- BERTANHA, Adriano; SILVA, Antônio Fernando Gouvêa da. A epistemologia em Freire e sua relação com o currículo da cidade de Sorocaba. *Revista Contexto & Educação*, v. 35, n. 111, p. 29-45, maio/ago. 2020.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1979.
- FREIRE, Paulo. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, Paulo. *Política e educação: ensaios*. São Paulo: Cortez, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 60. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 59. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- LIMA, Michelle Castro Lima; AZEVEDO, Sabrina David de; NASCIMENTO, Ana Lúcia Ribeiro do. Currículo e práticas docentes durante a pandemia de 2020. In: *Dossiê – Educação Brasileira e a EAD em contexto da Pandemia do Covid-19: perspectivas e desafios*, v. 16, n. 1, p. 1-20, 2020.
- PORTILHO, Evelise Maria Labatut; MEDINA, Giovanna Beatriz Kalva. A tomada de consciência de professores em tempos de pandemia. In: PILLA, Maria Cecília Amorim; SINNER, Rudolf Von (org.). *O ser humano em tempos de COVID-19*. Curitiba: PUCPRESS, 2020. p. 115-129.

SILVA, Hellen do Socorro de Araújo; LOPES, Luís Carlos Santos. Práticas pedagógicas desenvolvidas na escola multisseriada ribeirinha da Amazônia paraense. *Revista Contexto & Educação*, v. 36, n. 114, p. 251-266, maio/ago. 2021.